

AS FESTAS DAS IRMANDADES NEGRAS

META

Possibilitar ao aluno a percepção de que alguns negros também tinham seus momentos de lazer na sociedade brasileira Oitocentista; compreender que alguns elementos dessas festas sobrevivem com modificações em Sergipe na atualidade.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
analisar as funções das festas das irmandades para os negros brasileiros.

PRÉ-REQUISITOS

Noção do conceito de cultura, identidade cultural, diáspora africana e de irmandades negras, suas funções e estrutura.



(Fonte: <http://4.bp.blogspot.com>).

INTRODUÇÃO

Na última aula vimos a estrutura e motivações das irmandades religiosas, nesta aula veremos as festas das irmandades, que eram uma das possibilidades de festa negra. Adotando o conceito de João José Reis, festa negra seria a festança que a maioria dos festeiros eram negros, mas não exclusivamente, e que nas mesmas tivessem elementos teatrais, simbólicos ou materiais de origem africana. Salientamos que havia outras formas de festas negras, além das promovidas por irmandades. As festas do padroeiro ou dos santos de devoção da irmandade eram o momento que ocorria a principal atividade da irmandade. Nessa ocasião as disputas entre as confrarias eram visualizadas. As irmandades de pretos eram rivais entre elas, e com as dos brancos e pardos também. Todavia, além das disputas, também é possível perceber dois momentos nas festas, um religioso e outro mais profano. Em um primeiro momento do texto apontarei alguns dados das festas negras, sobretudo as realizadas pelas irmandades, e em seguida descreverei e apontarei alguns elementos das mencionadas festas em Sergipe, destacando a festa de São Benedito em Lagarto, com suas rainhas, congos e taieiras. Pois em Sergipe conforme vimos na aula anterior existiam irmandades negras e elas também promoviam grandes festas.



Fotos das taieiras da Irmandade de Santa Bárbara Virgem em Laranjeiras-SE.
(Fonte: <http://www.sulanca.com>)

Nos últimos anos, alguns historiadores têm se dedicado a estudar as festas, seus sentidos e mudanças. As festas dos negros não têm sido exceção, também estão sendo analisadas e na maioria dos casos através dos pesquisadores das irmandades dos negros. Silvia Lara faz uma crítica aos textos sobre as coroações dos Reis do Congo, ou das embaixadas por não perceberem as distinções nas apresentações, em situações religiosas, quando compõem as festas das irmandades das aparições em comemorações de eventos da Coroa Portuguesa. Todavia, mesmo com essa crítica salientamos que os pesquisadores têm descoberto as festas e os seus agentes, bem como as mudanças nas mesmas como tema de pesquisa. Durante muitos anos essas festas eram alvo de estudo apenas de folcloristas e antropólogos. (LARA, 2002)

Uma das finalidades das irmandades, conforme vimos na aula anterior, era promover a festa do seu padroeiro ou padroeira. E os irmãos tinham como uma das obrigações comparecerem nas citadas festas, bem como às festas de outros santos que tivessem abrigados na mesma capela que a sua irmandade. As datas das festas dos santos padroeiros das confrarias dos negros e a sua organização constavam nos estatutos das irmandades. As festividades ficavam a encargo das confrarias, no entanto, os párocos deveriam dar assistência. Havia uma preocupação da irmandade de contratar um pároco eloquente, pois a missa era cantada e a pregação deveria ser específica para a data. Além dos gastos com o pároco também havia gastos com o embelezamento das capelas, com as vestimentas do mordomo que deveriam estar à altura do evento. (REGINALDO, 2005)

As irmandades tinham verbas específicas para as festas. Alguns cargos como juízes, oficiais de mesa tinham como função fornecer subsídios para a festividade. O grande investimento nas festas é entendido pelo fato de serem uma ruptura no cotidiano de trabalho dos negros, escravos e libertos. Como também pelo fato das disputas citadas na introdução, entre as irmandades dos negros, e entre as dos negros, brancos e pardos. Nas festas também ocorriam as eleições dos confrades, essas festas conferiam prestígio para as irmandades. Outro momento de suma importância para as confrarias eram os enterros dos irmãos, outra ocasião que todos os membros da irmandade deveriam comparecer. Ressaltamos que os cortejos fúnebres exibiam muitas semelhanças com as procissões.

Essas festas faziam parte do projeto de evangelização da Igreja, no entanto, os “excessos” foram perseguidos. Pois, além das procissões barrocas, havia nas festas um lado profano. Havia danças, comidas e bebidas como a jeribita. No entanto, os gastos com essa parte da festa não são visíveis nos livros de receitas e despesas das irmandades o que dificulta aos pesquisadores de saber muitas informações sobre esse momento da festa. No entanto, há algumas descrições de autoridades, bem como de viajantes que permitem aos historiadores entrar nesse lado profano da festa. Utilizando as fontes citadas, alguns trabalhos apontam que os escravos tocavam seus instrumentos e realizavam suas danças. Assim, as festas se constituíam em momentos de manifestações culturais dos africanos e dos seus descendentes,

Antonil

Seu nome era João Antônio Andreoni, nasceu em 1667, em Luca, na Toscana, e veio para o Brasil em 1681 como um visitador através de um convite do Padre Antônio Vieira. O jesuíta faleceu na Bahia em 1716. Sua obra *Cultura e Opulência do Brasil* foi publicada em 1711, e retirado de circulação, somente em 1837 o livro foi republicado na íntegra.

ocasião de sociabilidade e lazer. O jesuíta **Antonil** já recomendava no início do século XVIII que os senhores deixassem seus escravos louvarem seus santos, Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, criarem seus reis, mas que evitassem o consumo de aguardente. E que os gastos das festas não ocorressem por conta dos juízes, mas sim do senhor de engenho. (ANTONIL, 2002). O jesuíta percebeu que as festas eram um alívio para o cativo e noticia a existência de um elemento nas festas dos pretos, os reinados. Nos momentos lúdicos das festas ocorriam as coroações de reis e rainhas, no entanto, esse evento também acontecia em outras ocasiões, mas nas festas das irmandades as coroações foram mais presentes.

Os reinados dos congos, que não eram compostos apenas pelos congueses, recriavam rituais que aproximava a população negra, escrava e liberta, da África. E que, portanto afastava os mesmos do mundo senhorial. No Congo, o rei, o manicongo, era eleito após a morte do anterior e após isso empossado em praça pública aonde recebia as embaixadas. Ou seja, as coroações de reis nas Américas poderiam rememorar esses ritos. E, o Reinado do Congo tinha um papel simbólico importante para os negros no Brasil, seja pelo fato da elite ter sido cristianizada, seja por ter sido um importante reino unido, respeitado pelos vizinhos, e até mesmo, pelos europeus. Assim, a coroação de reis e rainhas negros tinha diversos significados, para algumas autoridades as coroações do reino de Congo e de Angola mostravam a autoridade do poder monárquico português, pois rememorava o êxito da conversão do reino do Congo, como também a deferência de outros reinos aos portugueses. No entanto, não podemos pensar que rememorasse apenas o êxito da catequese no Congo, porque a relação de cordialidade entre os congueses e portugueses passou por modificações, mas o Congo continuou sendo referência de um reino africano que “civilizou-se” por conta dos portugueses. Por fim, as embaixadas também podiam rememorar outras embaixadas. Os portugueses e brasileiros conheceram outras embaixadas africanas, como a do Daomé e a de Ajudá que estiveram no Brasil no século XVIII. E para os negros, um momento de re(criação) de ritos africanos. (LARA, 2002; SOUZA, 2002)

Havia apresentações de reinados em festas públicas, como as comemorações de um casamento ou de nascimento de algum membro da realeza portuguesa, como também nas festas das irmandades. Em 1760, por exemplo, na ocasião do casamento da princesa do Brasil com o seu tio, o infante Dom Pedro, a Vila de Nossa Senhora da Purificação e Santo Amaro na Bahia fez festas durante 22 dias, e alguns desses dias teve apresentações dos congos e de embaixadas. O posicionamento das autoridades em relação a esses reinados variava de acordo com o tipo de festa, o momento e das localidades. As ações variavam da tolerância, perseguição aos extremos a total repressão. Para alguns senhores e a Igreja eram preferíveis as festas com os seus reis aos batuques. (LARA, 2002; REIS, 2002; SOUZA, 2002) Para Reginaldo, no Brasil, os reinados tinham um caráter de subversão, uma subversão festiva. E em alguns casos os reis negros tinham papel

de liderança entre os negros, e era essa liderança que preocupava as autoridades. E por conta dessa preocupação os reinados foram perseguidos. Algumas irmandades, para evitar problemas com as autoridades e com os senhores dos escravos, mencionavam que o escravo para ser rei deveria ter autorização do seu senhor. E alguns senhores não se opuseram em ter escravos reis, para os senhores ter um escravo ou escrava como rei ou rainha conferia prestígio. (REGINALDO, 2005) Na mencionada festa, realizada em Santo Amaro, há menção a apresentações de taieiras e cacumbis que serão retomados mais adiante, pois também existiam nas festas sergipanas.

Os reinados começaram a ser perseguidos e a desaparecerem no século XVIII, aos poucos nos compromissos deixaram de fazer menção aos reis, e alguns disfarçavam a sua existência dos mesmos. Um exemplo desse disfarce pode ser visto no estatuto da Irmandade do Rosário de Vila Nova, atual Neopólis em Sergipe, que criou o cargo de Juiz e Juíza de Coroa. Próximo a Vila Nova, outra irmandade do Rosário, a de Brejo Grande, fazia referência ao cargo de rei e rainha e rainha no estatuto, e costumeiramente os mesmos eram negros. Aos poucos saíram das irmandades, por conta das repressões, e se transformaram em folguedos, como o Maracatu ou as congadas. Ressalto que as eleições e coroação de reis existem em diversos países americanos como no Caribe e nos Estados Unidos. (REGINALDO, 2005; NASCIMENTO, 2009; DANTAS, 1972)

AS FESTAS DAS IRMANDADES SERGIPANAS

Como vimos na aula anterior, nas terras sergipanas havia várias irmandades quem possuíam suas festas. Há notícias de várias festas de irmandades de negros nas citadas terras sergipanas, entre as cidades que tinham as festas temos: São Cristóvão, Laranjeiras, Lagarto e Aracaju. A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de São Cristóvão festejava no século XIX, a sua, santa no dia 6 de Janeiro, diferentemente da irmandade de Santa Luzia que realizava duas festas, uma em Outubro para a santa citada e a segunda em janeiro para São Benedito, da mesma maneira ocorria em Lagarto, que veremos mais adiante. Assim, ressalto que esse calendário variava de cidade para cidade. Exemplificando essa variação em outras localidades temos Salvador, que São Baltazar era festejado no dia 6 de Janeiro, e São Benedito apenas na primeira Oitava da Páscoa, Santa Efigênia em setembro no dia de São Mateus. No mês de outubro as festas para Nossa Senhora do Rosário, e no último domingo do mês de novembro Santo Antônio do Categeró. Em outras regiões da Bahia, as festas se concentravam nos dezesseis dias após o Natal, período chamado de Oitavas de Natal. No Recôncavo Baiano, a justificativa de um pároco para as festas serem nas Oitavas seria que em outro período as chuvas dificultariam o acesso dos párocos nas localidades das festas. (REIS, 2002; OLIVEIRA, 2008; REGINALDO, 2005; SANTOS, 2002)

Segundo Beatriz Dantas, as festas eram adaptadas ao calendário agrícola, em um momento que não diminuísse a produção e, principalmente, em

um período que já tivesse vários dias de festas católicas. (DANTAS, 1972) Assim, comemorar Nossa Senhora do Rosário e/ou São Benedito no dia 6 de janeiro seria interessante para os senhores pelo fato de já existir a festa dos Reis Magos, e assim seus escravos não saírem da produção duas vezes.

Voltando à festa de Nossa Senhora do Rosário de São Cristóvão, segundo Vanessa Oliveira, uma das obrigações dos irmãos ao entrar era contribuir com a mencionada festa, esse elemento mostra a importância que a festa tinha no interior da irmandade. Os preparativos começavam em dezembro, faziam reparos na Igreja, compravam fogos e ornamentos. A eleição dos novos oficiais também era realizada no dia da festa. No entanto, na festa também tinha a presença de reis e rainhas que



Taieira

(Fonte: <http://www.divirta.se.gov.br>).

custeavam parte da mesma e que eram eleitos em dezembro. Quando também era colocado o mastro na frente da Igreja. No dia 6 de Janeiro, os reis eram coroados e assistiam à missa no lado do altar. Após a missa, se apresentavam as taieiras, os cacumbis, e a chegança. Lembre-se que os dois primeiros grupos também se apresentaram em Santo Amaro no Recôncavo Baiano, no século XVIII para os reis. E esses grupos se apresentavam nas casas acompanhados da realeza, e regados a comida e bebida como o vinho e o gengibre. (OLIVEIRA, 2008) Assim, em Sergipe nas festas das irmandades negras também havia dois momentos, um profano e outro religioso que eram interligados. E nessas festas havia espaço para manifestações culturais dos africanos e seus descendentes.

Ainda em São Cristóvão, ocorria outra festa dos negros. E era em agosto, dia 14, em homenagem a Nossa Senhora da Boa Morte. Segundo as memórias de Serafim Santiago a devoção a Nossa Senhora da Boa Morte era antiga e de africanas. A santa da devoção ficava abrigada na Igreja do Carmo. (SANTIAGO, 2009)

Segundo as memórias do pároco Filadelfo Jônatas de Oliveira, mencionando sobre os oitocentos, a festa da Irmandade de Laranjeiras ocorria no dia de Reis. Neste dia havia apresentação de taieiras, maracatus, congos dentre outros. Essa festa ocorria na Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, local que estava os santos das “pessoas de cor”. (OLIVEIRA, 2005)

UMA DAS FESTAS DOS NEGROS SERGIPANOS: A FESTA DE SÃO BENEDITO DA IRMANDADE DO ROSÁRIO, EM LAGARTO

Na Vila de Nossa Senhora da Piedade do Lagarto, no século XIX também havia uma Irmandade de Nossa Senhora do Rosário que segundo o seu Estatuto de 1874, aglutinava homens e mulheres sem distinção de cor,

escravos, livres e libertos, casados, viúvos e solteiros. O mesmo estatuto fazia menção a duas festas, a de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. A primeira festa era realizada no mês de Outubro e a segunda no dia 6 de janeiro. (SANTOS, 2002)

O início do mês de Outubro, em Lagarto era marcado por correrias com o intuito de preparar a festa. O dinheiro necessário para a realização da festa de Nossa Senhora do Rosário era obtido através de anuidades, doações, valores provenientes de enterros de não irmãos, bolsas dos santos e esmolas. Havia na irmandade doze mordomos, cuja função era pedir esmolas para a referida festa. Eram pagos os sacristãos para as novenas; o terreno em frente à igreja era limpo; foguetes, velas e incensos eram comprados e as capas eram lavadas. Já a festa de São Benedito, a seis de janeiro, era realizada apenas com o dinheiro das esmolas dos fiéis. Esse elemento mostra que a festa de Nossa Senhora do Rosário para a irmandade tinha uma importância maior que a de Benedito. (SANTOS, 2004). Salientamos que recolher donativos para festa era um costume lusitano, mas também se assemelhava a uma prática da África Ocidental, onde as aldeias enviavam tributos aos reis e chefes para realizar as festividades. (SOUZA, 2002)

Dentre as bolsas e esmolas para os santos, as destinadas a São Benedito eram mais frequentes, no entanto de valores menores. Provavelmente eram escravos ou libertos que faziam esses depósitos em nome do Santo, como por exemplo, Antônia Mulata que em 1878 deixou 7\$000 reis para São Benedito. A realização da festa do Santo Preto pode ter sido um ato negociado entre os escravos libertos e os homens livres que compunham a irmandade. A devoção ao Santo no município de Lagarto era grande, sendo o único cuja imagem existia nas duas Igrejas: a da Matriz e a de Nossa Senhora do Rosário. (SANTOS, 2004)

A festa de São Benedito finalizava o período dos festejos natalinos. A comemoração começava no primeiro dia de Janeiro, dia da retirada do mastro do terreno em frente à Igreja do Rosário. O mastro com a bandeira de São Benedito era colocado logo após a festa, e ficava no terreno durante todo o ano. Embaixo da bandeira eram colocadas prendas, doces e frutas. Participavam desse momento da festa apenas os negros, libertos ou escravos, que removiam o mastro e saíam dançando e cantando, acompanhados pela taieiras e os congos. Por conta dessa parte da festa a irmandade tinha a preocupação de capinar e limpar o terreno em frente à Igreja. (SANTOS, 2004)

No dia da procissão, seis de janeiro, os moradores dos povoados mais afastados, escravos, libertos, senhores e pessoas pobres iam para a sede do município participar dos festejos para São Benedito. Nesse dia, pela manhã, era realizada uma missa que em muitos momentos era cantada e também havia alguns batizados. O batismo era um ato coletivo no qual várias crianças – livres e escravas – recebiam o sacramento numa mesma cerimônia, por isso, algumas datas e períodos foram preferidos para realizar a tal cerimônia, por como o dia consagrado a São Benedito. Entre 1850 e

1888, foram batizadas várias crianças no dia 6 de janeiro.(SANTOS,2004). Talvez nesse momento também houvesse a posse da nova mesa diretora, eleita no primeiro dia do ano. À tarde ocorria o momento tão esperado: a procissão. As pessoas que residiam nas vizinhanças da Matriz ficavam sentadas nas suas portas, vislumbrando a procissão passar.

Após o som dos sinos surgia a primeira imagem do cortejo, a de Santo Antônio. Em seguida vários anjos com asas, feitos com grande requinte. A segunda imagem era a do dono da festa, São Benedito . Ele era seguido por três rainhas com seus mantos; a que se posicionava ao centro era denominada de Rainha Perpétua. As rainhas eram acompanhadas pelos congos, negros vestidos de príncipes e arrumados em duas alas: uma protegia a coroa da Rainha Perpétua e a outra tentava retirá-la; simulando conflitos com espadas. (SANTOS,2004).

Outra imagem que participava da procissão era a de Santa Efigênia, a princesa Núbia e por fim, a Nossa Senhora do Rosário também se fazia presente à festa e, após a imagem vinham, as Taieiras dançando, requebrando e cantando:

Virgem do Rosário
Senhora do mundo
Dê-me um coco da água
Senão vou ao fundo (ROMERO, 1985)

A procissão era realizada ao som de músicas populares, mesclando elementos religiosos e profanos. Ao mesmo tempo em que ocorria à procissão, no largo do Rosário, as crianças, negros e pessoas pobres brincavam disputando doces no pau de sebo. À noite, após o término da procissão, as taieiras e os congos dançavam em alguns domicílios. Havia queima de fogos de artifício e a festividades continuava com leilões e música . (MORAES FILHO, 1979).

O relato de Mello Moraes indica que a procissão de São Benedito era festiva, configurando-se como uma pausa na rotina da vida dos escravos; pois eles saíam das fazendas, sítios e engenhos e brincavam, comiam, bebiam, dançavam e cantavam. Os senhores dispensavam seus escravos dos afazeres e permitiam que eles também participassem dos preparativos da festa. Antônia, por exemplo, uma mucama dos Romeros, fazia asas de anjinhos para sair na procissão. Outros cuidavam das vestes dos santos, já que esses dormiam nas casas para que fossem arrumados para o grande dia. A festa revigorava os escravos, ajudava a diminuir as tensões, mas também os incitavam para uma ruptura, mesmo que fosse uma momentânea interrupção nos costumes, uma outra ordem era estabelecida durante a comemoração. Tanto os senhores quanto os escravos participavam da festa de São Benedito; mas segundo o relato de Mello Moraes, os mais contentes e felizes eram os escravos, porque o Santo era padroeiro dos mesmos. (MORAES FILHO, 1979) A veneração ao Santo foi bastante difundida entre os cativos, pois incentivava o ideal do escravo submisso. As irmandades e os franciscanos exploravam a questão da cor da pele de São

Benedito nas liturgias religiosas. No entanto, o culto ao Santo e os festejos para o mesmo também possibilitou a construção de uma identidade negra. Em Lagarto a difusão obteve êxito, pois a popularidade desse Santo pode ser observada no grande número de escravos que se chamavam Benedito ou Benedita. (SANTOS, 2002; PINTO, 2000)

Através das irmandades, segundo Karash, eram construídas identidades, mas também havia relações de poder internas. (KARASH, 2000) Podemos pensar a mesma relação para uma festa. Quem decidiria a ordem dos Santos na procissão? Será que esses santos eram de outras irmandades que eram abrigadas na Capela do Rosário? Possivelmente participavam da festa pessoas que não faziam parte da irmandade do Rosário, e quiçá faziam parte de outras irmandades. No entanto, os irmãos praticamente abriam o cortejo, ou seja, mostrando quem era os donos da festa ou os organizavam a mesma. Segundo o relato citado de Moraes, os irmãos vinham logo após o estandarte da irmandade que era seguro por quatro homens. (MORAES FILHO, 1979) Nas procissões que participavam várias irmandades, a ordem na procissão era pelo princípio de antiguidade, as irmandades mais antigas eram as primeiras, assim como nos cortejos fúnebres que havia a participação de várias confrarias. No estatuto da irmandade de São Benedito, situada no convento do Bom Jesus em São Cristóvão pontuava que o critério da antiguidade deveria ser seguido na festa do padroeiro e nos cortejos. Esse critério gerava disputas entre as irmandades. (REGINALDO, 2005) Assim, podemos pensar que em Lagarto pode ter tido disputas na organização da festa, no estabelecimento da ordem dos santos.

A existência de mais três santos na festa, além do dono mostra que a população negra tinha outras devoções, destaque neste momento Santa Ifigênia e Santo Antônio, já que Nossa Senhora do Rosário já foi mencionada e era a principal devoção da irmandade.

Conforme vimos na aula anterior Santa Efigênia estava entre as principais devoções dos negros. Há notícias da devoção de Santa Ifigênia entre os negros no Rio de Janeiro, Minas Gerais e em Salvador, nas três localidades a mencionada Santa possuía irmandade. Lembrando que na cidade a festa da Santa era realizada no mês de setembro no dia de São Mateus. (PINTO, 2000; REGINALDO, 2005; SOARES, 2002) Ou seja, era uma santa cultuada entre os negros no Brasil.

Um fato curioso da notícia de Santa Ifigênia na procissão é que ela é mencionada como parda. Lagarto era um município que possuía muitos mestiços, de todas as condições sociais; talvez, por isso, a necessidade de pontuar que Santa Efigênia fosse parda, assim uma grande soma de indivíduos das classes subalternas que não se identificavam com São Benedito, se identificariam com essa Santa. No entanto, a imagem de Santa Ifigênia encontrada atualmente na igreja Matriz também tem a tez preta. (SANTOS, 2002) Ressalto que as imagens foram bastante utilizadas pelo clero católico para a devoção popular, fazia parte de uma pedagogia



Santa Efigênia.

visual de conversão. (PINTO, 2000)

Outro santo citado, Santo Antônio, era bastante popular entre os negros em algumas localidades brasileiras, dentre elas no Rio de Janeiro nos Oitocentos. Ressalto que as pesquisas apontam esses africanos como majoritários na região de Lagarto. Para eles, o Santo Antônio teria atravessado o Atlântico e retornado ao colo dos africanos. Robert Slenes pontua que a devoção ou o apego a um grande feiticeiro para os mesmos africanos poderiam retirar ou evitar o infortúnio. E Santo Antônio era tido como um santo poderoso e por isso poderia evitar os infortúnios. (KARASH, 2000; MACIEL, 2007 SLENES, 1991)

Em Lagarto, a festa reunia escravos de diversas ocupações, domicílios e naturalidades distintas e contribuía para edificar uma identidade negra comum. A festa mostra que a tradição cristã não foi recebida de forma apática pelos escravos, a presença dos “congos” indica antigas memórias africanas.

Outro aspecto que deve ser ressaltado é o das taieiras. Elas já existiam no século XVIII em Santo Amaro da Purificação, no Recôncavo Baiano, acompanhando os reis. Há referências delas na Bahia, Rio de Janeiro, Pará, Sergipe e seus cantos foram colhidos em Minas Gerais e São Paulo. Em Sergipe, as taieiras existiam em São Cristóvão, Laranjeiras e Lagarto conforme já foi mencionado, além de Itaporanga e Aracaju. Em Laranjeiras e em Lagarto, a menção das taieiras está relacionado, a reis e aos congos, por isso, Dantas afirma que a finalidade das mesmas era cumprimentar ou homenagear os Reis do Congo que posteriormente se transformaram em Reis do Rosário. E possivelmente os Cacumbis tivesse a mesma finalidade, estaria enquadrado em uma dança cortejo. (DANTAS, 1972)



Cacumbis
(Fonte: <http://www.infonet.com.br>).

O Termo de Compromisso da Irmandade do Rosário de Lagarto não menciona a sua eleição de reis, nem a existência. As atividades mais ligadas às práticas culturais africanas eram ocultadas do Estatuto das Irmandades no Brasil, pois a oficialização das irmandades era uma prática portuguesa. (SANTOS, 2002) Como também devido à repressão que os reis passaram a sofrer no século XVIII. Um grande número de escravos trazidos para o Brasil, originários da atual Angola, conheciam ou já tinham ouvido falar no Reino do Congo. Outros povos africanos comercializavam com os congolezes e, por fim, escravos de outras nações também conviviam com os dessa origem; por esses motivos os reinados dos Congos foram majoritários no Brasil .

Outro aspecto que mostra a manifestação de antigas tradições africanas é a menção, nas músicas, a seus instrumentos. As danças eram realizadas ao som de músicas cantadas em português com algumas palavras em línguas africanas, como por exemplo: “P’ra tocar cucumbi”. Cucumbi, segundo o dicionário de Ney Lopes, é o nome de folguedo no Brasil, a palavra vem de Kikumbi que significa puberdade, o folguedo recriaria os ritos de passagem para a adolescência. (LOPES, 1993-95) Ou seja, na festa ainda havia alguns elementos que rememoravam a África.

Por fim, a existência de uma corte formada por escravos e/ou libertos mostra que eles podiam ter elementos atribuidores de prestígio e liderança: conhecimento de algumas tradições e/ou o domínio de atividades específicas . (DANTAS, 1972; SOUZA, 2002) Em torno dessa corte também era construída uma identidade. Em suma, a festa de reis e a devoção a São Benedito ajudaram a construir uma identidade negra em Lagarto e ratificar os laços já existentes na comunidade negra. (SANTOS, 2002)

Algumas dessas festas, com modificações, chegaram ao século XX. Beatriz Góis Dantas mostra que a procissão de São Benedito perdurou em Lagarto até os anos cinquenta do século XX. E, as taieiras iam buscar os reis nas suas respectivas casas e a realeza fornecia ceia para as integrantes das taieiras e os mesmos reis pagavam parte dos gastos da festa, por isso, eram pessoas que gozavam de prestígio. Segundo Dom Luciano Cabral Duarte, em Aracaju, na década de sessenta do século XX, havia a procissão de São Benedito, a mesma constituía em um momento importante para a religiosidade e quiça da sociabilidade dos negros os negros aracajuanos. (DUARTE, 1971)

CONCLUSÃO

Em suma, as festas negras, em especial as promovidas pelas confrarias apresentavam um momento de sociabilidade, descontração da população negra nos séculos XVIII e XIX. Elas havia espaço para os atos religiosos, e para as bebedeiras, danças e algumas delas para as coroações de reis, momento que tinha diversas significações. Tratando dos negros que viviam na Vila de Lagarto, possivelmente vivenciaram um catolicismo dentro das suas limitações e possivelmente um catolicismo distinto do dos seus senhores, já que tinham suas devoções, ou seus “amuletos”, e suas festas como a de São Benedito. Essas vivências permitiram construções de alianças, laços de solidariedade, alguns conflitos, e, finalmente, provavelmente uma identidade negra, já que esses elementos funcionam como elementos diacríticos.

RESUMO



As festas dos padroeiros das irmandades eram um momento de extrema relevância para as irmandades. Elas constituíam, juntamente com os cortejos fúnebres, os mais importantes eventos das confrarias. Nas festas havia dois momentos, um religioso e outro profano e nesse havia espaço para coroaçao de reis. Essa coroaçao possuía diversos significados para negros e brancos; e foram reprimidas ao longo do século XVIII. Todavia, as irmandades resistiram à extinção dos reis e criaram mecanismos para burlar os mesmos. Em Sergipe, as irmandades também organizavam as citadas festas, e algumas delas tinham a presença dos reis e de um cortejo composto por taieiras e cacumbis acompanhando. Por fim, as festas negras promovidas pelas irmandades apresentavam um momento de sociabilidade, lazer para população negra nos séculos XVIII e XIX e possibilitaram a construção de uma identidade negra.

ATIVIDADES



1. Pesquise na internet ou em livros uma descrição de uma festa de irmandade negra, preferencialmente que tenha sido feita por um memorialista, leia-a e após, com base na aula, faça um comentário analisando a mencionada festa.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Existem alguns livros de memorialistas que descrevem as procissões, dentre eles temos o de Serafim Santiago, de Dom Luciano Cabral Duarte e Melo Moraes Filho, todos citados nas referências dessa aula. Desse modo, o leitor entrará em contato com a fonte histórica e fará um exercício de interpretação.

PRÓXIMA AULA

Na próxima aula veremos que as festas das irmandades foram apenas uma possibilidade de festejos entre os negros, pois eles também festejavam através dos seus temidos batuques.



AUTOAVALIAÇÃO

Posso definir o que é uma festa negra? Consigo compreender a sua importância para os negros? Consigo identificar algumas dessas manifestações que com algumas modificações sobrevivem no nosso Estado?



REFERÊNCIAS

ANTONIL, André João. **Cultura e opulência do Brasil**. 3 ed. Belo Horizonte: Itatiaia/Edusp, 1982.

DANTAS, Beatriz Góis. **A taieira de Sergipe**: pesquisa exaustiva sobre uma dança tradicional do Nordeste. Petrópolis: Vozes, 1972.

DUARTE, Luciano Cabral. **Estrada de Emaús**. Rio de Janeiro: Vozes, 1971.

LARA, Silvia H. Significados Cruzados: Um reinado de Congos na Bahia Setecentista”. In: **Carnavais e outras f(r)estas**: ensaios de história social da cultura. CUNHA, Maria Clementina (org.) São Paulo: Editora da UNICAMP, CECULT, 2002.

LOPES, Nei. **Dicionário Banto do Brasil**: repertório etimológico de vocábulos brasileiros originários do Centro, Sul, Leste e Sudoeste africanos. Rio de Janeiro, 1993-95.

- MACIEL, Carlos Roberto Santos; SANTOS, Carlos José Andrade; SANTOS, Ronaldo Pinheiro dos. **Arraia-miúda: uma análise sobre a propriedade escrava e da população cativa em Lagarto-SE (1880-1850)**. Estância, 2007. Monografia (Licenciatura em História). Universidade Tiradentes.
- MORAES FILHO, Melo. **Festas e tradições populares do Brasil**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: ed. da Universidade de São Paulo, 1979. p.69-75.
- KARASCH, Mary C. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)**. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- OLIVEIRA, Filadelfo Jônatas de. **Registro dos fatos históricos de Laranjeiras**. 2 ed. Aracaju, 2005.
- NASCIMENTO, Flávio Santos do. **Um estudo sobre a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da Villa do Lagarto (1856-1875)**. São Cristóvão, 2009. Monografia de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Sergipe.
- PINTO, Tânia Maria de Jesus. **Os negros cristãos católicos e o Culto aos Santos na Bahia Colonial**. Salvador, 2000, p.135-142. Dissertação (Mestrado em História Social) – Departamento de História, Universidade Federal da Bahia.
- REGINALDO, Lucilene. **Os Rosários dos Angolas: irmandades negras, experiências escravas e identidades africanas na Bahia setecentista**. Campinas, 2005, Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas.
- REIS, João José. **Tambores e temores: a festa negra na Bahia na primeira metade do século XIX**. In: **Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura**. São Paulo: Editora da UNICAMP, CECULT, 2002. p.101-155. **Identidade e diversidade étnicas nas irmandades negras no tempo da escravidão**. In: **Tempo**. Rio de Janeiro, Relume Dumará, Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, v.2, n.3, jun.1997.
- SANTIAGO, Serafim. **Anuário Christovense ou Cidade de São Cristóvão**. São Cristóvão: Editora UFS, 2009.
- SANTOS, Joceneide Cunha. **Entre farinha e procissões e famílias: a vida de homens e mulheres escravos em Lagarto, Província de Sergipe (1850-1888)**. Salvador, 2004. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Bahia.
- SLENES, Robert E. **Malungu, ngoma vem!: África coberta e descoberta no Brasil**. **Revista USP**, nº 12 (Dez./Jan./Fev., 1991-92)
- SOUZA, Marina de MELLO e. **Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de Rei Congo**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.